



**Nas próximas edições, ao longo do mês de maio, o GeraçãoE contará histórias de negócios atingidos em maio e que, ao longo do último ano, não mediram esforços para recuperar as suas atividades.**

## Mapeamento, é possíveis iniciativa

a lançar no site como isso ia afetar a bacia do rio Gravataí”, conta Lucas.

As previsões da Smart Flood são feitas a partir de uma análise de dados colhidos de instituições importantes como a Agência Nacional da Água (ANA). “Pegamos também previsões meteorológicas de modelos globais para alimentar nosso sistema”, explica Lucas. Um ano depois, a startup está finalizando sua primeira versão do sistema, que vai ser posta à prova no inverno deste ano. “Vamos poder conferir se aquilo que a gente prevê bate de fato com o que acontece”, diz Lucas.

Ele compreende que há uma falta de preparo das instituições governamentais, mas entende que os investimentos feitos pelo governo do Estado após a enchente trarão benefícios. “De uma certa forma, eles entram como um concorrente para nós nos rios, mas entendo que muitos dos principais afluentes vão seguir sem o devido cuidado e precisarão de iniciativas como a nossa. Com esses investimentos, vamos ter uma base cartográfica que provavelmente nenhum outro estado do Brasil tem”, ressalta Lucas.

# Tinder da solidariedade conecta setor privado com comunidades vulneráveis

Um dos marcos da enchente de 2024 foi a força do voluntariado. Um dos maiores desafios era organizar e conectar a oferta de auxílio às necessidades dos atingidos. Ainda nos primeiros dias, Caroline Vanzellotti, empreendedora à frente da RH Decola, começou um movimento que, mais tarde, resultou na ONG Bonanza, que presta serviço de inteligência humanitária a partir de suporte tecnológico e gestão de dados para ONGs e instituições.

Além de Caroline, presidente da ONG, Olimar Teixeira Borges, CEO da Skyvidya e vice-presidente da Bonanza, contribuiu para o desenvolvimento do projeto, que aconteceu no Tecnopuc. Cerca de 710 abrigos de Porto Alegre passaram a ser mapeados e, a partir disso, receberam doações de acordo com as demandas. “Mandávamos equipes para abrigos e eles nos avisavam de duas em duas horas o que o local precisava”, conta Caroline.

Mais de 300 pessoas atuavam na equipe, que se tornou um “Tinder da solidariedade”. “Fazíamos o que passamos a chamar de matchmaking, que era buscar as doações pra aquelas necessidades”, explica Caroline. O projeto, idealizado para um momento de urgência, tornou-se uma ONG de mapeamento de necessidades em regiões vulneráveis. “Vamos em uma comunidade, estabelecemos um contato com o líder

comunitário ou com uma organização da sociedade civil que atua naquela região, e fazemos o mapeamento”, explica Olimar.

O sistema utilizado pela Bonanza foi desenvolvido pela Monday, que permite que as organizações criem aplicativos personalizados. “Eles são de Israel. Tínhamos licença para usar por um ano e, após o nosso trabalho, eles nos deram uma licença indefinida”, conta Olimar. De acordo com Caroline, a empresa quer replicar a iniciativa criada no Estado em outros lugares do mundo. “Apoiamos em Valência, no Kentucky e em Los Angeles, tudo através da Monday”, afirma.

A base de dados da Bonanza mapeia idade, presença de crianças ou pessoas com deficiência na residência, entre outras informações que contribuem para entender as necessidades de doação. “Essa base de dados ajuda a entender se a pessoa está desempregada e procura uma nova oportunidade, se tem criança em casa e precisa de creche, se há uma preocupação com drogas naquele território”, explica Olimar. Os empreendedores explicam que a identidade de todos é preservada. “Quando uma companhia está interessada em realizar alguma ação ou doação, ela tem à disposição informações sobre o que aquele território precisa, não sobre uma pessoa em específico”, comenta Caroline.



**Caroline e Olimar consolidaram o trabalho da Bonanza ao longo do ano**

Um dos maiores desafios enfrentados pela Bonanza é a atualização destes dados. “A pessoa que fez o cadastro inicial conosco vai ter login e senha para atualizar seu próprio cadastro”, destaca Olimar. A startup também oferece o serviço em escolas, com mais de 140 instituições cadastradas.

A Bonanza conta com parcerias do setor privado para viabilizar as ações. “Usamos dados para submeter projetos e ficamos com um percentual

desse projeto. Executamos as ações com o dinheiro que arrecadamos. É assim que a gente se remunera”, contextualiza Caroline. Pensando no futuro, a ideia é que a Bonanza se torne um Software as a Service para empresas que queiram fazer uma ação social. “Não há uma clareza sobre quais são as necessidades reais das comunidades. A ideia é dar transparência e clareza sobre o que está acontecendo naquela região”, observa a empreendedora.

## Envolve projeto de educação para desastres com workshops, cursos e eventos

CEO da Hopeful, o mestre em epidemiologia dos desastres, Abner Quintino de Freitas ressaltava a importância de dar atenção à prevenção. “Todo mundo vai se envolver com desastre. A questão é se as pessoas vão escolher se envolver antes, durante ou depois. O problema de ser durante ou depois, é que as pessoas morrem. Então, quando chamamos a atenção para a prevenção, não é por capricho”,

pondera ele. Nascida em 2017 no Tecnopuc como uma atividade acadêmica, a Hopeful se consolidou com o passar do tempo, registrando aumento na procura pelo serviço. “A Hopeful tem sete anos. Acumulamos prejuízo por seis, porque nossos potenciais clientes não enxergavam nosso serviço como algo pago. Como sociedade, colocamos o dinheiro na reparação, não na prevenção. Quando a gente se

posiciona como uma empresa que se trabalha essencialmente com prevenção, é mais do que ser uma empresa, é tentar mudar uma lógica”, explica.

Sobre 2024, Abner ressaltava que os danos causados pelo alagamento não poderiam ser evitados, somente reduzidos, mas alerta para a falta de preparação das entidades. “Os desastres têm variabilidade. Mas criar comitês de crise para decidir

o que fazer em meio ao que está ocorrendo é amadorismo”, critica. O CEO compreende que o Estado ainda não amadureceu o suficiente para enfrentar um novo desastre de maneira eficaz. No entanto, o alerta gerado pela tragédia de 2024 aumentou a preocupação das pessoas. “Quando palestrava sobre desastres, tinha dificuldade em chamar a atenção das pessoas. Hoje, especialmente no RS, todo

mundo tem uma experiência pessoal ou de alguém muito próximo”, afirma, ressaltando a necessidade de atenção em relação aos próximos eventos. “Há um estudo australiano que indica que entramos na era dos desastres. Estamos achando que nenhum desastre vai superar aquilo que nós já conhecemos. Maio de 2024 é um exemplo de que as coisas podem colapsar.”